

As práticas mortuárias na região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C.*

Camila Diogo de Souza**

SOUZA, C.D. As práticas mortuárias na região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 8: 85-94, 2009.

Resumo: Esta comunicação constitui um resumo do estado atual da pesquisa de doutoramento desenvolvida no MAE / USP que pretende levantar, catalogar e examinar os vestígios arqueológicos dos contextos funerários, datados entre o intervalo do século XI ao VIII a.C. – a denominada “Idade Obscura” grega –, nos sítios da região da Argólida. Comparando tais dados entre si e discutindo-os a partir de fundamentos teórico-metodológicos da arqueologia das práticas mortuárias, objetivamos, por fim, levantar considerações sobre os costumes funerários dessa região, revelando possíveis padrões de enterramento e de comportamento sociocultural inseridos nas mudanças políticas ocorridas, principalmente, no século VIII a.C.

Palavras-chave: Práticas mortuárias – Idade do Ferro – Argólida – Contextos funerários.

Durante décadas, o período que abrange o intervalo entre os séculos XI e VIII a.C., caracterizou-se como a “Idade Obscura” da história da Grécia Antiga (“The Greek Dark Ages”)¹. As origens dessa denominação e de tal

“obscuridade” estão profundamente inseridas no trajeto de estudo das fontes literárias disponíveis, principalmente, daquelas atribuídas a Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*. No final do século XIX, com a descoberta arqueológica dos grandes palácios micênicos, suas imensas muralhas e seus ricos enterramentos, a “sociedade heroica” descrita por Homero passou a ser identificada a Idade do Bronze e aos micênios, compreendendo o período aproximadamente entre 1600 e 1200 / 1100 a.C. Como explicar, então, o fosso temporal existente entre o final da Idade do Bronze, que teria se dado por volta de 1200 / 1100 a.C. e o início do Período Arcaico em 776 a.C.? É neste momento que a denominação “Idade Obscura” surge e consolida a subordinação da cultura material em relação à documentação textual. Durante o século XIX, a “Idade Obscura” era considerada a verdadeira Idade Média da Grécia.

Apenas a partir da segunda metade do século XX, principalmente após a década de 1970, é que muitos pesquisadores começam a se debruçar sobre o estudo dos dados arqueológicos da “Idade Obscura”, visando a entender seus diferentes aspectos (sociocultural, político, econômico) e ressaltando a diversidade material entre os sítios e as regiões ocupadas nesse período e a importância do mesmo para a consolidação dos períodos

(*) O presente texto é uma complementação da comunicação apresentada na I Semana de Arqueologia, ocorrida entre 23 e 27 de abril de 2007 no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP). Trata-se do projeto de doutoramento, atualmente no segundo ano de pesquisa, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação do MAE / USP, sob orientação da profa. dra. Haiganuch Sarian. Optamos por expor aqui, apenas as linhas mais gerais e o estado atual da pesquisa em questão. Gostaríamos de agradecer à comissão organizadora do evento pela maravilhosa oportunidade de discussão entre pesquisadores proporcionada pela I Semana de Arqueologia e pela oportunidade de publicação, à profa. Haiganuch Sarian e aos professores Robin Hägg e Anthony M. Snodgrass pelo incentivo e comentários críticos feitos até o momento e à FAPESP pelo apoio financeiro.

(**) Doutoranda do Programa de Pós-graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE/USP

(1) É difícil de identificar as primeiras obras em que tal denominação foi utilizada ainda no século XIX. Entretanto, autores do XX, que rejeitam tal denominação, acabam utilizando-a de forma crítica, demonstrando o quanto ela foi cristalizada na histografia do período. Por exemplo: DESBOROUGH, V. 1972; SNODGRASS, A. 1971.

posteriores, principalmente para o surgimento e a consolidação da *pólis* no início do Período Arcaico. Esses estudos versam essencialmente sobre os dados dos contextos funerários que são responsáveis pelo estabelecimento de uma cronologia específica, fundamentada nos estilos da decoração cerâmica e também pela adoção de outras denominações para o período em geral, tendo por base a matéria-prima majoritária utilizada para a confecção dos objetos encontrados nos enterramentos: o ferro. Dessa forma, a “Idade Obscura” torna-se preferencialmente, a **Idade do Ferro Antiga** e passa a ser subdividida em subperíodos nomeados de acordo com o estilo decorativo da cerâmica de cada fase. São identificados, assim, genericamente cinco grandes subperíodos: O **Submicênico** (abrange aproximadamente entre 1150 e 1050 a.C.), o **Protogeométrico** (entre 1050 e 900 a.C.), o **Geométrico Antigo** (entre 900 e 850 a.C.), o **Geométrico Médio** (entre 850 e 775 a.C.) e o **Geométrico Recente** (entre 775 e 700 a.C.). O último subperíodo, o Geométrico Recente, também chamado de Alto Arcaísmo ou ainda de “Renascimento Grego”, principalmente durante a segunda metade do século VIII a.C., e ainda pode ser dividido em Geométrico Recente I e Geométrico Recente II. O Geométrico Recente I corresponde aproximadamente à primeira metade do século VIII e o Geométrico Recente II identifica a segunda metade do mesmo século.

Todavia, os critérios utilizados para a definição dessas datas e dos elementos que caracterizam os subperíodos fundamentam-se, essencialmente, nas transformações do estilo decorativo da cerâmica ática, de acordo com a grande quantidade de vasos encontrados nos numerosos enterramentos da Idade do Ferro Antiga como um todo, distribuídos pelas necrópoles atenienses, ocupadas continuamente durante esse período, que foram escavadas de forma sistemática e encontram-se bem documentadas e registradas, como, por exemplo, a necrópole do Cerâmico. Devemos ressaltar, dessa forma, que os intervalos de tempo estabelecidos para cada subperíodo e suas características gerais (estruturas sociais, econômicas, políticas e religiosas) não são uniformes, pelo contrário, elas variam de região para região e, às vezes, de comunidade para comunidade.

É neste sentido, que a região da Argólida, no Peloponeso (Mapa) fornece um quadro totalmente distinto daquele composto pelas

características da região da Ática em relação às práticas mortuárias. Muitos dos sítios dessa região apresentam ocupação contínua durante toda a Idade do Ferro Antiga, como Argos, Tirinto, Micenas, Náuplia, Asine e Lerna. Na Ática, a partir do Protogeométrico até o final do Geométrico Recente I, a cremação constitui a prática funerária predominante de enterramento do morto. Durante a segunda metade do século VIII a.C. há um grande crescimento do número de inumações individuais, principalmente para os adultos (Boardman 1971; Morris 1987: 18-20; Snodgrass 1971: 149-51; Whitley 1991: 102, 110, 137, 146, 162-171). Na Argólida, percebemos que a situação é completamente inversa. A inumação individual constitui a prática mortuária recorrente na grande maioria dos sítios da região durante todos os subperíodos da Idade do Ferro Antiga, desde o Submicênico até o final do Geométrico Recente I. Somente durante o Geométrico Recente II, em Argos, é que o número de cremações cresce ao lado das inumações (Courbin 1974; Foley 1988, Hägg 1974).

Fundamentalmente, três tipos de sepulturas constituem as inumações individuais nessa região. O túmulo em cista, que é constituído por uma cova, geralmente, retangular e revestido nas paredes e coberto com placas grandes de pedras de calcário; o túmulo em vasos funerários, composto por uma cova retangular ou oval em que se deposita a urna funerária, geralmente um *píthos*, uma ânfora ou uma cratera e o túmulo em cova simples, formado por uma fossa feita diretamente na terra, na maioria das vezes, retangular, mas também frequentemente, em formato ovoide.

Segundo as publicações mais recentes, foram escavados aproximadamente 278 túmulos em Argos datados da Idade do Ferro Antiga como um todo (Foley 1988; 1995: 79-86; 1998: 137-43; Hägg 1998: 131-135). Todavia, quando examinamos a distribuição desses enterramentos de acordo com os subperíodos, constatamos que apenas um pouco mais de 190 sepulturas estão seguramente datadas (Tabela 1).

A maior parte das inumações em cista, em cova simples e em vasos *píthoi* é formada por enterramentos de adultos, aquelas realizadas em outros tipos de vasos cerâmicos, principalmente ânforas e crateras, caracterizam enterramentos infantis. Nota-se uma preferência pela cista e pelos vasos cerâmicos durante o Submicênico e o Geométrico Recente, pois os números de sepulturas são próximos. Durante o Proto e o

Tabela 1

Relação do número de sepulturas por tipo de enterramento e subperíodo em Argos.

Subperíodo/ Tipo de túmulo	SM	PG e GA	GM	GR	Total
em cista	11	58	30	29	128
vasos cerâmicos	10	5	3	23	41
cova simples	1	11	5	4	21
desconhecido				1	1
Total	22	74	38	57	191

Tabela 2

Relação do número de sepulturas por tipo de enterramento e subperíodo em Tirinto.

Subperíodo / Tipo de túmulo	PG e GA	GM e GR	Total
em cista	8	6	14
vasos cerâmicos	7	22	29
cova simples	1	2	3
desconhecido	3		3
Total	19	30	49

Abreviatura dos subperíodos:

SM: Submicênico

PG: Protogeométrico

GA: Geométrico Antigo

GM: Geométrico Médio

GR: Geométrico Recente

são em *píthoi* e apenas seis em outros tipos de vaso e todos os 6 são enterramentos infantis. Há, ainda, 17 túmulos não classificados datados genericamente dos séculos X e IX e mais uma sepultura desconhecida datada do Geométrico Recente. Outras 28 sepulturas classificadas apenas como “geométricas” serão analisadas mais detalhadamente no decorrer da pesquisa. O total de sepulturas do Geométrico como um todo, portanto, seria aproximadamente 77, conforme podemos observar na Tabela 3.

Notamos uma diferença em relação aos tipos de enterramentos em Argos. Enquanto durante o Proto e o Geométrico Antigo os números de túmulos em cista e em vasos cerâmicos são bastante próximos, nos dois subperíodos posteriores os enterramentos em vasos cerâmicos, essencialmente *píthoi*, é seguramente bem maior em relação aos demais tipos.

No caso de Micenas, observamos que há cerca de 24 sepulturas datadas do Submicênico e do Protogeométrico que ainda não foram devidamente estudadas, e outras 12 que datam do Geométrico Antigo ao Recente: três pertencem ao GA, um ao GM e oito ao GR. Há duas sepulturas cujas datações são incertas, dessa forma, classificadas apenas como “geométricas”. Devido ao pequeno número de sepulturas estudadas, aparentemente não há uma preferência notável por algum dos tipos de túmulos, pois todos são encontrados em números semelhantes. Os túmulos do SM e PG localizam-se todos no interior da muralha da cidade, porém, os demais, assim como em Tirinto, situam-se nas proximidades, ao redor da cidade, todos fora das muralhas.

Em Náuplia, os dados mais recentes mostram que há um total de 42 sepulturas datadas do Período Geométrico, dentre as quais quatro

Tabela 3
Relação do número total* de enterramentos por sítio e subperíodos
na região da Argólida.

Subperíodo / Sítio	SM	PG e GA	GM	GR	“G”	Total
Argos	22	74	38	57	87	278
Tirinto	7	36	9	22	3	77
Micenas	4	23	1	8	2	38
Náuplia	4	3	1	20	14	42
Asine		67	7	4	3	81
Lerna		1	3	1	17	22
Trezena				2	1	3
Prosymna				1	1	2
Dendra				1		1
Total	37	204	59	116	128	544

* Total segundo o primeiro levantamento das publicações mais recentes, números que serão, muito provavelmente, modificados com o decorrer da pesquisa na elaboração do catálogo.

são datadas do Submicênico, três do Proto e Geométrico Antigo e 21 datam do século VIII, parte do GM e do GR. Seguramente classificadas dentre as 21 sepulturas, pelo menos 12 delas constituem inumações em covas simples, quatro em *píthoi*, uma inumação em cista do Geométrico Antigo e outra do Médio. Uma pira constituída por uma cova circular com vários fragmentos cerâmicos do Geométrico Recente, cinzas e fragmentos ósseos e de instrumentos em ferro também foi detectada e datada do GR. Há, ainda, cerca de 14 enterramentos não catalogados datados genericamente do “geométrico”. Não foi possível realizar ainda uma classificação detalhada do número em relação ao tipo de túmulo por subperíodos, dessa forma, visualizamos, por enquanto, apenas o número total de enterramentos por subperíodo numa tabela geral dos maiores sítios da Argólida (Tabela 3). Todavia, podemos notar que o número de enterramentos em covas simples é bem maior do que os demais e, acima de tudo, que o número de cistas é muito pequeno, a preferência neste sítio seria, a primeira vista, por enterramentos em covas simples e em *píthoi*.

Asine constitui um caso intrigante quando comparado com os dados expostos dos demais sítios

até o momento. Não foram encontradas sepulturas do Submicênico, entretanto, aproximadamente 60 túmulos datam do Protogeométrico e apenas 18 dos demais subperíodos, sete do Geométrico Antigo, sete do Médio e apenas quatro do Recente. Desses últimos, todos são constituídos por inumações infantis, três em cistas e um em ânfora. Esses quatro enterramentos do Geométrico Recente situam-se imediatamente a nordeste da Colina Barbouna. A maioria das 60 sepulturas Protogeométricas constitui inumações em cistas de adultos, aproximadamente 45 enterramentos. Há também um grande número de enterramentos em covas simples, cerca de 11 desse total encontrados a sudeste da Colina Barbouna, nas demais áreas do sítio. Ainda há cerca de três enterramentos de datas incertas, classificados como “geométricos”. Além do enorme contraste dos números de enterramentos do Protogeométrico em relação aos demais subperíodos, é interessante observarmos que três dos quatro enterramentos infantis do Geométrico Recente são em cista, um tipo incomum de enterramento infantil nos demais sítios da Argólida em qualquer subperíodo. Contudo, podemos observar ainda que, durante o Protogeométrico, os tipos de túmulos mais recorrentes em Asine e em Argos são semelhantes.

Em Lerna, aproximadamente 22 sepulturas foram detectadas, todavia, as escavações conduzidas pela Escola Americana de Estudos Clássicos em Atenas também continuaram após a publicação da obra de A. Foley e já foram encontrados outros túmulos do Período Geométrico.

Entretanto, apenas 5 foram seguramente datadas e configuram-se como enterramentos em *píthoi*: um do Geométrico Antigo, três do Médio e um do Recente. Os *píthoi* do Geométrico Antigo e Recente são infantis e o primeiro contém o enterramento de duas crianças. Dentre as 17 sepulturas classificadas apenas como "geométricas", há aproximadamente nove inumações em cista e nenhuma delas apresenta objetos como parte do mobiliário funerário, fato interessante quando notamos que praticamente todos os túmulos em cista dos demais sítios da Idade do Ferro Antiga como um todo contém oferendas cerâmicas e metálicas. A princípio, poderíamos afirmar que neste sítio, assim como em Argos e Asine, há certa preferência por túmulos em cista.

Os demais sítios apresentam poucos dados sobre o Período Geométrico e esses se encontram muito dispersos. Em Trezena foram identificadas duas sepulturas em cista do Geométrico Recente, há ainda uma em *píthos* cuja data é incerta, classificada como "geométrica". Em Prosymna, há um túmulo datado do século VIII situado em cima dos restos do um túmulo em câmara micênico contendo dois crânios e uma outra sepultura em cista localizada no interior do túmulo em câmara do VIII, classificada apenas como "geométrica". Já em Dendra, a situação é ainda mais precária, foi identificada apenas uma sepultura datada do Geométrico Recente, devido aos fragmentos cerâmicos associados a ela.

Analisando as sepulturas em cista mais detalhadamente podemos perceber algumas semelhanças e diferenças iniciais entre os sítios tratados no que diz respeito à posição e orientação do corpo e ao tamanho dos túmulos relacionado com o mobiliário funerário e com enterramentos sucessivos, indicando a reutilização da sepultura. Em Asine, a maioria das inumações em cista do Protogeométrico (aproximadamente 70%) apresentam o corpo em posição supina e se encontra orientada a leste. Nos demais sítios, são raros os corpos em posição estendida. A maioria está em posição contraída, como, por exemplo, em Argos. Já em relação à orientação nesses demais sítios, nota-se uma ausência de padrão, pois todas as posições são encontradas,

entretanto observamos um pequeno número de enterramentos orientados a leste em Argos, Tirinto e Micenas quando comparados com as demais orientações.

Quando examinamos o tamanho dos túmulos, a princípio, observamos que existe uma medida padrão para a maioria dos enterramentos em cista em Argos, Asine, Tirinto, Náuplia e Micenas: 0,80m de largura por 1,50m de comprimento. Todavia, em Argos, no final do Geométrico Médio e, principalmente, durante o Recente, há um grande número de túmulos com tamanhos bem maiores: aproximadamente 1m de largura por 3m de comprimento. Em geral, o tamanho excepcional das sepulturas está relacionado com a realização de vários enterramentos em um mesmo túmulo, caracterizando a reutilização da cova para enterrar, provavelmente, membros de uma mesma família. Contudo, há várias sepulturas com grandes dimensões que apresentam apenas uma única inumação, geralmente masculina e com rico mobiliário funerário, composto por apetrechos de batalha em bronze e ferro, vasos cerâmicos e objetos em ouro.

O exemplo mais marcante desse tipo de inumação individual foi encontrado em 1953, durante a campanha de escavações conduzidas pelo pesquisador Paul Courbin em Argos, e trata-se da famosa sepultura de um guerreiro, datada da segunda metade do século VIII. Nela estavam o esqueleto de um homem entre 25 e 30 anos de idade, uma armadura "hoplítica" de bronze, dois trasfogueiros de ferro em forma de barcos de guerra, seis *obelói* inteiros e fragmentados, vasos cerâmicos com decoração geométrica de fabricação local, entre eles crateras e taças e ainda vários objetos em bronze e ouro.

Associada às evidências literárias, essa descoberta proporcionou algumas mudanças nas perspectivas de estudo sobre a Idade do Ferro Antiga na região da Argólida. Segundo alguns relatos da tradição literária, a região da Argólida aparece subjugada pela supremacia militar e política da cidade-estado de Argos durante os Períodos Arcaico e Clássico. Na obra de Heródoto (Heródoto *História* I 82: 92-93)³,

(3) Neste trecho, Heródoto menciona um enorme exército proveniente de Argos, que lutava com o também numeroso exército espartano para retomar a região da Tireia, pertencente à Argólida (dominada militarmente por Argos), mas que havia sido apropriada pelos lacedemônios.

Argos é considerado como um importante e destacado centro militar e político na região da Argólida durante o final do Período Arcaico e o início do Período Clássico. Estrabão relata que, em seu próprio tempo, Tirinto já era uma cidade deserta, tendo sido destruída por Argos, devido à desobediência, algum tempo antes não especificado (Estrabão VIII 6, 15). Pausânias menciona que Argos teria destruído tanto Tirinto quanto Micenas, logo após as Guerras Pérsicas (Pausânias IV 23, 3). Em outra passagem, indica que Argos teria removido a população de Tirinto para a própria cidade de Argos, na tentativa de tornar-se mais poderosa adquirindo um maior número de pessoas (Pausânias II, 25, 8). O autor ainda assinala que as relações entre Argos e Asine também eram tensas, resultando na destruição da última comunidade por volta de 700 a.C. A única referência que remonta a um período anterior a este nos é dada pelas obras atribuídas a Homero. Na *Ilíada*, Argos aparece ao lado de Tirinto, Hermione, Asine e Micenas como um centro fornecedor de um grande número de guerreiros, heróis e naus para lutarem a favor dos aqueus contra os troianos (Homero *Ilíada* II.559-580, p. 98-101).

A partir da descoberta de Courbin e com um número cada vez maior de enterramentos datados da Idade do Ferro Antiga, revelados em campanhas de escavações mais recentes realizadas não só em Argos, mas nos outros sítios da Argólida, alguns pesquisadores afirmam que Argos teria sido um destacado e dominante centro militar e político já durante o final da Idade do Ferro Antiga, dominando toda a região da Argólida.

Tal visão é sustentada pela análise dos contextos funerários em Argos. Durante o Protogeométrico, as cistas e as sepulturas em *píthoi* não apresentam grandes diferenças em relação ao mobiliário funerário. Para Robin Hägg, este fato configura um período marcado por certa homogeneidade social. As diferenças aumentam no final do Geométrico Médio e durante o Geométrico Recente, o que significaria a existência de uma sociedade mais hierarquizada composta por, pelo menos, dois grupos sociais distintos: de um lado, a aristocracia guerreira dominante, visível através dos enterramentos nos grandes túmulos em cista, onde estariam vários indivíduos de uma mesma família ou um único guerreiro destacado e, de outro lado, a camada popular dominada, visível arqueologicamente

pela prática de enterramentos em *píthoi*. Essas mudanças sociais no século VIII estariam relacionadas com o processo de formação da *pólis*. A ausência desse tipo de cista nos outros sítios da Argólida se reflete na supremacia argiva e, dessa forma, Argos teria emergido como uma comunidade destacada na região, capaz de controlar militar e politicamente as demais (Hägg 1998: 131-135; 1983: 27-31; 1980: 119-26).

Todavia, é interessante observarmos que nem todos os túmulos em cista em Argos possuem um mobiliário funerário semelhante àquele do guerreiro da armadura “hoplítica” e há muitos em *píthoi*, por sua vez, que também apresentam várias oferendas destacáveis. Cabe-nos uma análise mais detalhada do mobiliário funerário que compõem todos os enterramentos da Idade do Ferro Antiga e não somente em Argos, mas nos demais sítios também, pois em Asine, por exemplo, as cistas não apresentam nenhum tipo de oferendas. Talvez uma associação direta entre as inumações em cista com membros da aristocracia guerreira e entre os enterramentos em *píthoi* com uma camada menos abastada não dê conta de entender as relações entre a estrutura social e as práticas mortuárias dos sítios mais importantes da Argólida nem quais as relações entre esses sítios durante esse período. Outros fatores devem ser considerados, como a disposição topográfica dos enterramentos em cada sítio, a possível formação de cemitérios exclusivos para determinados grupos, principalmente durante o momento de grandes transformações caracterizado pelo século VIII a.C.

O enterramento constitui uma das partes que integram as práticas do ritual funerário como um todo, práticas essas que resultam em um conjunto específico da cultura material, o contexto funerário. O estudo desse contexto e a relação entre esse tipo de fonte material com a configuração da estrutura da sociedade, visando ao entendimento desses rituais (quais seus significados e seus limites) tem sido tema de discussão entre antropólogos, arqueólogos e historiadores há várias décadas. Os rituais funerários são simbolicamente construídos e idealizados e, conforme afirma M. Bloch, são práticas ideológicas perceptíveis a partir da *longue durée*, considerando especificidades culturais (Bloch 1989; 1981: 137-47). Entendemos, portanto, o conceito de *Idéologie Funéraire* e os contextos funerários como parte de um conjunto de um sistema maior que tem por função a afirmação de traços específicos dos diferentes

grupos sociais, perdurando ou alterando suas tradições e suas estruturas e conduzindo-os continuamente segundo regras e sanções que lhes são próprias (Vernant 1982: 5-15).

Dessa forma, as práticas mortuárias não devem ser interpretadas como um simples espelho das relações sociais da vida real.⁴ Contudo, o conjunto simbólico das práticas mortuárias também constitui um sistema de representações aprovado socialmente das relações estabelecidas entre os indivíduos e entre os grupos sociais, característica que proporciona entender os rituais funerários, em parte, como uma forma de reafirmação da ordem social, seja pela isonomia das identidades ou pela marca de suas diferenças (Morris 1987: 29-43). Está claro que o problema da “visibilidade” do significado e da ideologia das práticas mortuárias através da cultura material é

particularmente delicado e, muitas vezes, difícil de ser alcançado devido ao caráter fragmentário, uma vez que o enterramento constitui apenas pequena parte dos rituais fúnebres. Entretanto, a partir do estudo comparativo de vários contextos funerários em diferentes períodos incluindo, quando disponíveis, informações sobre etnias, doenças, dietas, *causa mortis*, números relativos à população de adultos, crianças etc. e, ainda, examinando processos de formação e organização dos cemitérios em relação aos assentamentos, a partir de uma análise contextual (Parker-Pearson 1982: 99-113; 1993: 203-29; 1995: 1046-1048), poderemos alcançar reflexões e questões mais complexas que abram possibilidades para o conhecimento das diversidades de um período de história grega ainda “obscuro”⁵ e, também, dos costumes funerários da região da Argólida.

(4) Há muitos autores que consideram que a *persona social* (o conjunto de papéis sociais assumidos pelo indivíduo em vida, quer dizer, o *status social*) do morto está diretamente associada à hierarquia que configura a estrutura social e, portanto, no momento das exéquias seria possível alcançar a estrutura social, como se esta e as relações sócias estivessem refletidas nos rituais fúnebres. Esses mesmos autores reconhecem o caráter simbólico dos rituais, contudo não acreditam ser possível reconstruir um mundo primitivo mental através dos dados arqueológicos, pois enfatizam a natureza arbitrária do signo, isto é, argumentam que os símbolos variam independentemente dos seus referentes. Dessa forma, concentram-se na relação entre rituais funerários e estrutura social como algo isomórfico, que pode ser mensurado e resulta em leis gerais. Alguns exemplos deles são: Binford 1971: 6-29; Goldestein 1976; Goodenough 1965: 1-24; Saxe 1970; 1971: 39-57; Willews 1978: 81-98.

(5) Entendemos a Idade do Ferro Antiga como um período “obscuro” no sentido da grande quantidade de material que ainda será descoberta em campanhas futuras de escavações e ao material proveniente das campanhas recentes que ainda não foi estudado.

SOUZA, C.D. Mortuary practices in the Argolid, Ca. 1200-700 BC. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 8: 85-94, 2009.

Abstract: This speech is a summary of the current state of a doctoral research developed at MAE / USP which intends to gather, catalogue and analyze the archaeological data from the funerary contexts, dated from the XI to the VIII centuries BC – the “Greek Dark Ages” – in sites of the Argive plain. Finally, it is also our aim to compare the data collected discussing them through the theoretical and methodological basis of the Archaeology of Mortuary Practices trying to reach some questions and considerations about the funerary customs and burial patterns of this region and also possible social and cultural behavior characteristic of the shifts occurred mainly during the VIII century BC.

Keywords: Mortuary practices – Iron Age – Argolid – funerary contexts.

Referências bibliográficas

- BINFORD, L.
1971 Mortuary Practices: their study and their potential” In: BROWN, J. A. (ed.) *Approaches to the social dimension of mortuary practices*, *Memoirs of the Society for American Archaeology* 25, Issue as *American Antiquity* 36: 6-29.
- BLOCH, M.
1981 “Tombs and States”, In: HUMPHREYS, S. C.; KING, H. (eds.) *Mortality and Immortality. The Anthropology and Archaeology of Death. Proceedings of a Meeting of the Research Seminar in Archaeology and Related Subjects held at the Institute of Archaeology, London University, in June 1980*. Academic Press, London:137-47.
- BLOCH, M.
1989 *Ritual, History and Power: Selected Papers in Anthropology*. The Athlone Press. London
- BOARDMAN, J.; CURTZ, D.C.
1971 *Greek Burial Customs*. London: Thames and Hudson.
- COURBIN, P.
1974 “Les Tombes Géométriques d’Argos, I (1952-1958)” *Études Péloponnésiennes VII*, École Française d’Athènes, Paris: Librairie J. Vrin.
- DESBOROUGH, V. R.d’A.
1972 *The Greek Dark Ages*. London: Ernest Benn Limited.
- FOLEY, A.
1988 “The Argolid 800-600 B.C.” *SIMA*, vol. LXXX, Göteborg.
- FOLEY, A.
1995 “Idle Speculation about Argos? Some Thoughts on the Present State of Eighth and Seventh Century Argive Studies” In: *Klados – Essays in Honour of J. N. Coldstream*. *BICS – 63*:79-86.
- FOLEY, A.
1998 “Ethnicity and the Topography of Burial Practices in the Geometric Period” In: PARIENTE, Anne et TOUCHAIS, Guilles (eds.) *Argos et l’Argolide. Topographie et Urbanisme*. Actes de la Table Ronde Internationale 28/4 – 1/5/1990 –. *Recherches Franco-Helléniques III*.Athènes, Argos: 137-43.
- GOLDSTEIN, L.
1976 *Spatial Structure and Social Organization*. Tese de doutorado. Northwestern University.
- GOODENOUGH, W. H.
1965 Rethinking ‘Status’ and ‘Role’. Toward a General Model of the Cultural Organization of Social Relationship. In: BANTON, M. (ed.) *The Relevance of Models for Social Archaeology*. ASA. Monographs,; Tavistock Publications. London: 1-24.
- HÄGG, R.
1974 Die Gräber der Argolis in Sumykenischer, Protogeometrischer und Geometrischer Zeit *BOREAS* 7:1, Lage und Form der Gräber, Uppsala.
- HÄGG, R.
1980 Burial Customs and Social Differentiation in 8th-Century Argos.

- HÄGG, R.; MARINATOS, N. (eds)
1983 *The Greek Renaissance of the Eight Century B. C.: Tradition and Innovation. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981.* Stockholm, pp. 27-31; Id. "Some Aspects of the Burial Customs of the Argolid in the Dark Age." AAA XIII: 119-26.
- HÄGG, R.
1998 "Argos and Its Neighbours: Regional Variations in the Burial Practices in the Proto-geometric and Geometric Periods" In: PARIENTE, Anne et TOUCHAIS, Guilles (eds.) *Argos et l'Argolide. Topographie et Urbanisme. Actes de la Table Ronde Internationale 28/4 – 1/5/1990 – Athènes, Argos. Recherches Franco-Helléniques III:* 131-135.
- MORRIS, I.
1987 *Burial and Ancient Society. The rise of the Greek city-state.* Cambridge: Cambridge University Press.
- PARKER-PEARSON, M.
1982 Mortuary Practices, Society and Ideology: an Ethnoarchaeological Study In: HODDER, I. (ed.) *Symbolic and Structural Archaeology.*: Cambridge University Press, Cambridge: 99-113.
- PARKER-PEARSON, M.
1993 The Powerful Death: Archaeological Relationships between the Living and the Death, *Cambridge Archaeological Journal*, 3: 203-29.
- PARKER-PEARSON, M.
1995 Return of the Living Dead: Mortuary Analysis and the New Archaeology Revisited, *Antiquity*, 69: 1046-1048.
- PARKER-PEARSON, M.
1999 *The Archaeology of Death.* Stroud: Allan Sttun.
- SAXE, A. A.
1970 *Social Dimensions of Mortuary Practices.* Tese de Doutorado. Michigan University: Ann Arbor Microfilm.
- SAXE, A. A.
1971 Social Dimensions of Mortuary Practices in a Mesolithic Population from Wadi Halfa, Sudan. In: BROWN, J. A. (ed.) *Approaches to the social dimension of mortuary practices. Memoirs of the Society for American Archaeology* 25, Issue as *American Antiquity*, 36: 39-57.
- SNODGRASS, A. M.
1971 *The Dark Age of Greece. An Archaeological Survey of the Eleventh to the Eighth Centuries BC.* New York: Routledge.
- VERNANT, J. P.
1982 Introduction In: VERNANT, Jean-Pierre et GNOLI, G. (dir.) *La Mort, Les Morts dans Les Sociétés Anciennes.*: Cambridge University Press, Cambridge: 5-15.
- WHITLEY, J.
1991 *Style and Society in Dark Age Greece. The Changing Face of a Pre-Literate Society 1100 - 700 B.C.* Cambridge: Cambridge University Press.
- WILLEMS, W. J. H.
1978 Burial Analysis: a new approach to an old problem. *BERICHTEN*, 28: 81-98.

Recebido para publicação em setembro de 2007.